

RORTY E NIETZSCHE, ALIADOS EXTEMPORÂNEOS?

Francisco de Assis Silva Neto*

Resumo: A investigação consistirá em conjecturar acerca da compreensão da filosofia de Friedrich Nietzsche por Richard Rorty, expondo a utilização que o filósofo americano faz do filósofo alemão. Possuindo como aporte teórico o texto intitulado por Rorty de *Pragmatismo e romantismo*, contido em sua obra *Filosofia como política cultural*, não ficando restrita somente a esta abordagem. Propomos localizar a postura filosófica de Rorty e seu uso da perspectiva nietzschiana para corroborar com sua compreensão do papel da imaginação para elaboração de mudanças sociais. Em seguida, esboçaremos como Rorty propõem um rompimento de uma postura nietzschiana mais radical, rumo ao pragmatismo.

Palavras-chave: Rorty. Nietzsche. Compreensão. Rompimento.

RORTY AND NIETZSCHE, EXTEMPORARY ALLIES?

Abstract: An investigation consisted of conjecturing on Richard Rorty understanding of Friedrich Nietzsche's philosophy, exposing a use that the American philosopher makes to the German philosopher. Possible as a theoretical text or text entitled Rorty de Pragmatism and Romantism, counted in his work Philosophy as cultural policy, not being restricted only to this approach. We propose to locate Rorty philosophical stance and his use of the nietzschean perspective to corroborate his understanding of the role of imagination in creating social change. Then, to outline how Rorty proposed a break with a more radical nietzschean stance towards pragmatism.

Keywords: Rorty. Nietzsche. Understanding. Disruption.

INTRODUÇÃO:

A forma de investigação proposta por esse trabalho, terá como mote disparador as correlações de perspectivas, tanto quanto as antípodas conceituais no que tange as propostas filosóficas de Rorty e Nietzsche. Pressupondo a partir da recorrência do filosófico alemão nas produções de Rorty, que tal premissa é de fato plausível, a saber, o modo como Rorty refere-se ao pensamento nietzschiano de modo a utilizar o que considera pertinente e buscar refutar o que julgou desnecessário. Não se tem por intuito investigativo determinar qualquer hierarquia ou pertencimento de posturas filosóficas, sob pena de cair em divagações e precipitações teóricas.

*Graduado em filosofia pela UESPI e mestrando pelo PPGFIL na UFPI. E-mail: chiconeto1910@hotmail.com.

Doravante, entender-se-á ambos como indivíduos que dialogaram com a tradição filosófica partindo dos gregos, debruçando-se, em partes, acerca de proposições e equivalências de realidade que se instauraram e perpassaram a história da filosofia. Muitas dessas, oriundas de pretensões epistemológicas e metafísicas que se consolidaram na filosofia desde sua gênese, deixando como tarefa para seus sucessores, uma atividade *gnosiológica* que afastou a filosofia da capacidade de mudanças práticas.

Sob a perspectiva de diálogo que as duas filosofias encontram seu primeiro ponto de interseção, ambos os filósofos fizeram esse trabalho de análise e desconstrução de edifícios teóricos, que foram erguidos com pretensões de verdades e valores quase irrefutáveis. Ao contrário de Nietzsche, iremos propor Rorty como um teórico que sempre tem finalidades sociais e práticas como plano de fundo instigador do seu processo criativo, possuindo o eixo prático e linguístico como componente vital da corrente teórica que o mesmo representa, a saber, o neopragmatismo.

Como exposto por Rorty: “os pragmatista mais antigos como Dewey, em contraste falavam de ‘experiência’ em vez de ‘linguagem’”. (RORTY, 1991, p.269) O filósofo americano estabelece como uma das diferenças principais entre a vertente neopragmatista a qual representa e a pragmatista clássica como a preocupação com a linguagem ao invés da experiência. Fruto da influência da *linguistic turn*, proveniente do pensamento de Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (1889- 1951).

A partir da compreensão de Rorty, propor Nietzsche enquanto um autor com menos inclinação a corroborar com as questões sociais, o filósofo alemão se apresenta como um crítico dos valores postos pela tradição histórico-filosófica, em especial os oriundos do cristianismo e das filosofias metafísicas que o autor chama de metafísicas ou idealistas, todavia não o concebemos distante ou indiferente do mesmo. Apenas, suas problemáticas parecem girar em torno de um grupo mais restrito, como os constituintes teóricos da filosofia e da religião, deixando com menos evidência o senso comum, ou a maioria social. Tendo em vista tal distinção apenas como molde didático e pressupondo que tais colocações tendem para o favorecimento na compreensão das perspectivas que serão posteriormente descritas por esse trabalho.

Acerca desse pressuposto de Realidades¹⁵⁵ para além do mundo dos sentidos e para além da realidade que podemos experienciar e modificar, que irá se moldar a continuação dessa proposta investigativa, elege-se o primeiro ponto de semelhança entre os dois autores: a crítica a modelos metafísicos e ontoteológicos que foram fabricados e disseminados por uma variedade de filósofos¹⁵⁶.

É importante ressaltar que não se busque inferências implícitas acerca da filosofia de Rorty como sendo uma continuação da de Nietzsche, mas sim, que essas proximidades foram um recurso retórico utilizado pelo filósofo americano para reforçar e expandir o seu aporte teórico. Assim como se utiliza de pressupostos do filósofo alemão, Rorty se propõem a dialogar com uma grande variedade de aliados extemporâneos como balizadores para sua própria proposta de redescrição.

Teremos como base obras de ambos os autores, uma vez que os filósofos dispuseram-se a correlacionar-se com variadas perspectivas, estas serão apresentadas sempre que viável, buscando não recair em superficialidades ou supervalorização de uma proposta em detrimento das demais, elegemos uma espécie de perspectivismo teórico, sem se afastar da raiz nevrálgica da questão, a saber, a relação Rorty e Nietzsche, mais especificamente a utilização da filosofia nietzschiana por Richard Rorty e a sua crítica a mesma.

1. Nietzsche como balizador

A maioria das propostas que serão posteriormente apresentadas se encontram na obra denominada de *Filosofia como política cultural* (2009), mais especificamente no capítulo 7, denominado de *Pragmatismo e romantismo*. Rorty enquanto representante da vertente pragmática, se propõem como opositor de teorias de correspondência da verdade e sob esta perspectiva que tece sua crítica e desenvolve seu argumento.

A proposta de Rorty se organiza, em partes, por acreditar que a filosofia em sua trajetória acabou por atrair para si uma tarefa impossível de ser concretizada, a saber,

¹⁵⁵ Rorty esboça uma diferença fundamental entre a realidade a qual se refere e que é passível de mudanças significativas, da realidade idealizada pelos metafísicos ao longo da tradição filosófica as diferenciando como a Realidade com “R” maiúsculo sendo a dos metafísicos e a com “r” minúsculo a das contingências. Segundo Rorty: “Parmênides deu a partida no motor da tradição filosófica ocidental ao conceber a noção de realidade com R maiúsculo. (RORTY, 2009, p.180)

¹⁵⁶ Dos quais podemos citar: Parmênides, Platão, Descartes, Kant etc. Filósofos que aparecem nas produções tanto de Rorty como de Nietzsche, constantemente como alvos de críticas.

delimitar os fundamentos e limites do conhecimento, buscando sempre a natureza última das coisas. Rorty atribui essa herança filosófica ao que denomina de “julgo de Platão e Kant”. Como propõem Rorty

A preocupação central da filosofia é ser uma teoria geral da representação, uma teoria que dividirá a cultura nas áreas que representem bem a realidade, aquelas que não representem tão bem e aquelas que não a representem de modo algum (apesar da pretensão de fazê-lo)” (RORTY, 1994, p19)

A postura filosófica de desempenhar um papel de representação da realidade que ficou como nódoa teórica, acabou por ser extremamente danosa a sua constituição, distanciando assim a filosofia de sua tarefa por excelência, pensar realidades culturais e contingentes. Essa postura nefelibata da filosofia, Rorty ironiza sob a nomenclatura “pátio de recreio intelectual”. (RORTY, 2009, p.180)

O filósofo americano desenvolve uma parcela da sua argumentação na crítica ao fundamentalismo metafísico e concebe o mesmo como tendo início com Parmênides e encontrado continuidade com Platão, buscando uma alternativa de realidade que sempre está para além desta que estamos inseridos. Rorty argumenta que

Ele tomou as árvores, as estrelas, os seres humanos e os deuses e os fez girar juntos em uma bolha harmoniosa a que chamou de “Uno”. Ele então tomou distância de sua bolha e a proclamou a única coisa merecedora de se ter conhecimento a respeito, mas eternamente incognoscível pelos mortais. Platão encantou-se com essa sugestão de algo ainda mais augusto e inacessível que Zeus, mas era mais otimista. (RORTY, 2009, p.180)

Rorty aponta o caminho traçado a partir da concepção de Realidade que foi fabricada pela tradição, sempre expondo a metafísica como principal expoente e alvo de suas críticas. Nas entrelinhas dessa questão está enraizada uma grande problemática que o filósofo começa a delimitar quando propõem que: “Se a palavra “realidade” fosse utilizada simplesmente como um nome para um conjunto de todas essas coisas¹⁵⁷, não poderia ter surgido nenhum problema de acesso a ela.” (RORTY, 2009, p.180).

¹⁵⁷ Quando Rorty usa o termo “coisas” na referida citação, está remetendo a constituintes básicos da realidade, como: árvores, estrelas, cremes ou relógios de pulso. Trata-se de uma menção a parte inicial do capítulo citado, em que o autor expõem como desnecessária para o contexto contemporâneo e exclusiva da filosofia a preocupação com a Verdade das coisas.

O autor estabelece um contraponto linguístico entre a Realidade dos metafísicos e o senso comum, ambos voltados a objetos da realidade contingente. Recorre a Donald Davidson para argumentar acerca da imobilidade dessa linguagem elaborada pelos metafísicos e de como estaria a parte do progresso ou qualquer processo de transformação. Segundo Rorty: “O argumento de Davidson era de que devem haver muitas verdades comumente aceitas sobre uma coisa antes que possamos levantar a questão de saber se alguma crença particular a respeito é errônea.” (RORTY apud DAVIDSON, 2009, p.181).

Como proposto na citação anterior, o filósofo faz menção a estrutura da linguagem dos metafísicos, que por remeter ao fundacionalismo, estaria se colocando para além das transformações que são inerentes a própria linguagem e portanto se distanciando de qualquer possível e efetiva mudança no corpo social. Para o autor, esta postura era fantasiosa, tanto quanto era desnecessária, entretanto não propunha uma anulação de questões desse tipo, apenas que as mesmas desempenharam seu papel historicamente e acerca de uma perspectiva e não deveriam possuir status de verdades imutáveis.

Como contraponto aos posicionamentos filosóficos que tendem a imobilidade conceitual, Rorty irá apresentar e fomentar uma proposta que o mesmo denomina de romântica, relacionando-a diretamente com a proposta pragmatista. Sob essa ótica, o autor irá propor uma prioridade da imaginação sobre a razão, propondo que se passe a: “pensar a razão não como uma faculdade rastreadora da verdade, mas como uma prática social[...]” (RORTY, 2009, p.182)

Para desenvolver essa proposta, o autor propõem que se pense para além dos dualismos e de qualquer capacidade de acesso cognitivo ao “verdadeiramente real”, concebendo a metafísica como desprovida da capacidade de ação na organização social. Desse modo, pode-se debruçar sobre uma nova perspectiva conceitual, sobre uma nova postura filosófica, agora prezando pela imaginação: “(...) Pois a imaginação é a fonte da linguagem, e o pensamento é impossível sem linguagem.” (RORTY, 2009, p.182)

Rorty denota uma preocupação constante com uma proposta de mudança social e para que esta fosse possível, na visão do autor, seria necessário não somente romper com a metafísica, ou pensar para além dos dualismos, mas estabelecer um papel para a imaginação, fazendo uma distinção entre imaginação e fantasia. Como propõem Rorty

Deveríamos tentar pensar a imaginação não como uma faculdade que gera imagens mentais, mas como uma capacidade de mudar as práticas sociais propondo novas utilizações vantajosas de sinais e ruídos. Para sermos imaginativos, e não meramente fantasiosos, necessitamos tanto de fazer algo novo quanto de termos sorte suficiente para que nossa novidade seja adotada por nossos camaradas. (RORTY, 2009, p.182)

Sob a capacidade de fazer mudanças reais e a relevância da linguagem e da imaginação no processo de transformação social que se configura a filosofia de Rorty. A postura romântica-pragmática que o autor encontra em Nietzsche, James e Dewey surge em sua obra para corroborar com a perspectiva que o autor desenvolve. Como proposto por Rorty, segundo James

A humanidade não faz nada a não ser através de iniciativas da parte de inventores, grandes ou pequenos, e de imitações feitas pelos restantes entre nós – esses são os únicos fatores ativos no progresso humano. Indivíduos de gênio mostram o caminho e estabelecem os padrões, que as pessoas comuns então adotam e seguem. A rivalidade entre os padrões é a história do mundo. (RORTY, 2009, p.184 apud JAMES, 1987, p.109)

Com a passagem anterior, Rorty faz eco a Willian James no que tange a linguagem, imaginação e progresso em uma relação triádica, que tem como plano de fundo a capacidade de mudanças significativas e de transformações reais na atual condição social, de modo a trazer benefício e esperança para as gerações vindouras que herdarão no futuro as consequências do nosso presente.

Nesse ambiente de transformação e inclinação ao lado imaginativo em detrimento de posturas epistemológicas prontas e acabadas, Rorty apresenta a literatura como válvula de escape e colaboradora para o processo empático e “progresso moral”¹⁵⁸ dos indivíduos. Costuma dialogar com literatos como: Milan Kundera e George Orwell e críticos literários a exemplo de Harold Bloom¹⁵⁹, sempre buscando propor a literatura como papel de destaque na “humanização” dos indivíduos. Como propõe Rorty:

¹⁵⁸ Expressão utilizado por Rorty na obra *Persuasion is a good thing*. Utilizado no sentido “inspirador” que as obras de literatura são capazes de instigar nos indivíduos.

¹⁵⁹ Tais diálogos podem ser encontrados nas mais variadas obras de Rorty, a exemplo de *Filosofia e o espelho da natureza* (1979), *Ensaio sobre Heidegger e outros* (1999), *Filosofia como política cultural* (2007) entre outros.

Mas eu não acho que a literatura terá sucesso em resistir à filosofia, a menos que os críticos literários pensem nela como Bloom faz: como nada tendo a ver com a eternidade, conhecimento, ou estabilidade, e tudo a ver com futuro e esperança - com pegar o mundo pela garganta e insistir que há mais nesta vida do que jamais imaginamos. (RORTY apud BLOOM, 1998, p.138, tradução nossa)¹⁶⁰

Rorty não busca construir uma nova verdade ou finalidade *teleológica* para a literatura ou para a filosofia, entretanto direciona suas esperanças de um futuro melhor se a literatura, assim como a filosofia, assumirem seus papéis de ferramentas de transformação, esquecendo dos problemas eternos, buscando se debruçar acerca dos emergenciais e contingenciais. O autor então propõem uma tarefa para os filósofos que desejam romper com propostas representacionistas e fundacionistas:

Filósofos que, como eu, evitam essa distinção devem abandonar o projeto filosófico tradicional de encontrar algo estável que servirá como critério para julgar os produtos transitórios de nossas necessidades e interesses transitórios. (RORTY, 1999, p.XVII, tradução nossa)¹⁶¹

Sob essa perspectiva que o autor busca propor uma correlação entre filosofia e literatura, de como livrar-se da necessidade idealista de ansiar por fundamentos últimos para a realidade, de propostas de univernalidades transculturais e adentrar na constituição própria dos seres sociais, a saber, as contingências e necessidades de momento, para indivíduos que são momentâneos e finitos.

Na produção teórica de Rorty, a filosofia de Nietzsche surge com frequência como um autor de oposição a tradição, principalmente a metafísica, o racionalismo que foi iniciado por Sócrates e posturas relacionadas a religião e a constituição da moralidade cristã. Nietzsche é descrito por Rorty em alguns de seus textos como uma espécie de precursor de um proto-pragmatismo¹⁶² que viria a ser de fato desenvolvido, posteriormente por Willian James e John Dewey.

¹⁶⁰ “But I do not think that literature will succeed in resisting philosophy unless literary critics think of it as Bloom does: as having nothing to do with eternity, knowledge, or stability, and everything to do with futurity and hope-with taking the world by the throat and insisting that there is more to this life than we have ever imagined.”

¹⁶¹ “Philosophers who, like myself, eschew this distinction must abandon the traditional philosophical Project of finding something stable which will serve as criterion for judging the transitory products of our transitory need and interests.”

¹⁶² “Os pragmatistas, como Nietzsche, procuraram descartar o cognitivismo que dominou a vida intelectual ocidental desde Platão, mas, diferentemente de Nietzsche, eles desejavam com isso agir no interesse de uma sociedade igualitária, e não no interesse de um individualismo solitário e desafiante.” (RORTY, 1998, p.4) O termo proto-pragmatismo foi aqui proposto com o intuito de referir-se a um

A organização pré-platônica da sociedade grega consistia em um homem permeado pelas noções da arte trágica e poética e como este homem aceitava e afirmava os limites de sua própria existência. Não existiam aniquilamentos do que era aceito como realidade, não havia utopias, o cidadão e a *pólis* bastavam a si mesmos. Nas palavras de Barrenechea

O homem trágico habita o mundo em harmonia com todas as forças naturais; para ele, não há nada que seja supérfluo, não há objeções à terra, ao corpo, aos sentidos. O universo é divino em sua totalidade. Desde Hesíodo e Homero, até os grandes trágicos, como Ésquilo e Sófocles, todas as forças terrestres são consagradas. Não há necessidade de acreditar em um mundo transcendente, não é preciso sustentar a crença em outra vida supostamente mais perfeita e duradoura. (BARRENECHEA, 2014, p.53)

Nietzsche adota essa perspectiva para afirmar que toda postura idealista e metafísica brotou do rompimento com essa perspectiva, atribuindo esse feito a Sócrates e Platão portanto, em consonância com o pensamento do filósofo americano. Como exposto por Barrenechea

Sócrates torna-se a figura, o símbolo da mais profunda transformação na sociedade helênica, ele é apresentado como ícone de uma tendência racionalista que pode superar o caos, impondo uma “racionalidade a qualquer custo”. Era preciso dominar a anarquia dos instintos, por isso a razão tornou-se a reitora todo-poderosa para controlar o caos de afetos. Desse modo, o socratismo inaugurou o predomínio da racionalidade. (BARRENECHEA, 2014, p.54)

Com o crescimento do socratismo, aliado ao declínio da era trágica, se acreditou que era possível corrigir a realidade através da razão, elaborando moldes racionais e atenuadores para a vida, como se a própria realidade devesse se adequar à vontade dos indivíduos. Segundo Barrenechea:

O pensamento racional, nesse momento, não só permitiu conhecer o ser, mas corrigir o ser. Já que o mundo possui erros e contradições, era preciso corrigir essas falhas, excluindo os seus aspectos negativos. Assim, na tentativa de postular um mundo de pura positividade, um mundo ideal, foi preciso expulsar o dionisíaco. (BARRENECHEA, 2014, p.54)

A falha na argumentação de Sócrates segundo Nietzsche, é não se ver enquanto extensão de uma realidade que é vasta e múltipla, mas ver-se enquanto sujeito, que pode ser encarado como detentor e classificador da própria realidade. A grande sacada socrática para o sucesso das suas fórmulas e da sua dialética foi o despertar do instinto

período anterior ao que viria a ser de fato o pragmatismo, a partir da última citação, tomei a liberdade de utilizar essa nomenclatura.

agonístico, residente em todos os indivíduos em decorrência da própria vontade de potência. Como apontou Nietzsche:

Dei a entender de que modo Sócrates poderia repelir: resta muito mais a esclarecer porque ele fascinava. – Uma primeira razão é o fato de que ele descobriu uma nova espécie de *ágon*, de que foi o primeiro mestre de esgrima nos círculos aristocráticos de Atenas. Ele fascinou na medida em que tocou o impulso agonal dos helenos. (NIETZSCHE, 2010, p. 21)

Acerca dessa postura filosófica, a saber, as críticas tecidas por Nietzsche a ascensão do socratismo que Rorty irá tecer parte de suas críticas, recorrendo ao filósofo alemão para apresentar uma postura que irá culminar no romantismo aliado ao pragmatismo, questão que foi mencionada anteriormente e será agora desenvolvida na relação Rorty e Nietzsche. Como proposto por Rorty

Nietzsche reencenou a disputa entre a poesia e a filosofia. Ao tratar Sócrates como mais um criador de mitos, e não como alguém que empregava a razão para se libertar dos mitos, ele nos fez ver Parmênides e Platão como poetas vigorosos demais. (RORTY, 2009, p.187)

Rorty, entretanto, não irá se debruçar sobre as noções da tragédia grega, apesar de dar profundo crédito a literatura e seu poder de criação. Todavia, o filósofo partilha com Nietzsche das críticas ao modo de filosofar socrático-platônico, ao qual ambos os autores irão atribuir como idealista.

Uma vez que Rorty está propondo uma aproximação vantajosa entre o pragmatismo e a cultura literária, o que em última instância implica uma relação filosofia e literatura. O autor não se abstém de reconhecer Parmênides e Platão como membros dessa cultura, porém dá voz a Nietzsche para buscar a refutação de uma conduta exacerbada que se desenvolveu a partir do mal uso da imaginação, distanciando-a em demasia do real.

Rorty encontra na postura de Nietzsche o instaurar de uma visão romântica de progresso, doravante distanciando-se da proposta de elaboração de moldes racionais que fossem capazes de exaurir a realidade que se propunham a pensar, ou o que o filósofo alemão denominou de “muletas metafísicas”¹⁶³.

¹⁶³ Nietzsche se utiliza dessa metáfora da muleta em obras como o *Crepúsculo dos ídolos* (2016) para indicar construções racionais que fornecem auxílio para o sustento da metafísica de alguns de seus opositores, nesse contexto especificamente as figuras de Sócrates e Platão.

Surge como plano de fundo da filosofia nietzschiana, um novo modo de reinvenção do sujeito, com um viés estético, na qual o indivíduo cria a si mesmo, a partir de pressupostos poéticos. Esse constituinte teórico se dá pela aproximação que o filósofo faz em suas obras, entre a filosofia e a linguagem poética, passando a ver o mundo não somente como lugar de morada, mas como uma realidade que pode, por nós, ser transformada¹⁶⁴. Para corroborar essa questão, Nietzsche expõem em sua *Gaia Ciência*

Nós, os pensantes-que-sentem, somos os que de fato e continuamente fazem algo que ainda não existe: o inteiro mundo, em eterno crescimento, de avaliações, cores, pesos, perspectivas, degraus, afirmações e negações. Esse poema de nossa invenção é, pelos chamados homens práticos (nossos atores, como disse), permanentemente aprendido, exercitado, traduzido em carne e realidade, em cotidianidade. (NIETZSCHE, 2012, p.181)

Rorty propõem esse aforismo de Nietzsche com conotações significativas para sua proposta, a saber, o indivíduo como artesão da realidade a qual está inserido, por expor não somente a mera contemplação estética, mas porque reside nela o poder de redescrição da realidade, a busca de soluções emergenciais, para sanar questões contingentes.

1.2 Redescrição e tranvaloração

Dada a relevância de tais constituintes teóricos para seus respectivos autores e a aproximação que visamos tecer, nos propomos a esmiuçar essa questão de modo panorâmico e pontual, visando não recair em anacronismos conceituais e precipitações teóricas.

O que Nietzsche está criticando, em comum acordo com Rorty, é o que o filósofo alemão costuma designar como “vontade de verdade”, quase como uma patologia que se instaurou ao longo da tradição e fez filósofos se debruçarem sobre perspectivas e moldes históricos incapazes de trazer mudanças significativas para o tempo em que viveram, a razão focada em circunstâncias políticas e culturais próprias de uma

¹⁶⁴ A palavra surge nesse contexto como possibilidade de mudanças pessoais e sociais, a partir da tranvaloração/redescrição, perdendo qualquer conotação metafísica e dependendo da persuasão e das relações entre indivíduos para se efetivar como prática. Tal aproximação teórica será explicitada posteriormente.

época anterior, não seria capaz de afetar o presente moral e cultural que foi vivenciado por esses filósofos.

Sob essa ótica de estabelecer relações entre a filosofia rortyana e a nietzschiana que a proposta de Rorty atinge seu ponto mais peculiar e persuasivo, propondo que os avanços (linguísticos, cognitivos e morais) sempre priorizem a aplicação para a melhora da vida dos indivíduos. Sendo necessário ressaltar que quando propomos uma tentativa de melhoramento de instâncias sociais, nesse ponto se dá a aliança, mas também a diferença entre Rorty e Nietzsche, o alemão não tinha a pretensão que sua postura corroborasse positivamente aspectos sociais. Como propõem Rorty

Sob a perspectiva pragmatista que estou apresentando, o que chamamos de “conhecimento incrementado” não deveria ser entendido como um acesso incrementado ao Real, mas como uma capacidade incrementada de fazer coisas- de tomar parte em práticas sociais que tornam possível vidas humanas mais ricas e mais plenas. (RORTY, 2009, p.184)

O caminho elaborado por Rorty a partir da junção pragmatismo e romantismo encontra sua eficácia e efetivação por acreditar no poder transformador da linguagem assessorada pela imaginação e persuasão. A razão nessa nova perspectiva, corrobora com a imaginação e não mais o contrário, entendida como: “simultaneamente o centro e a circunferência do saber...” (RORTY apud SHELLEY, 2009, p.186). No que tange a relação entre pragmatismo e romantismo, Rorty afirma

No cerne do pragmatismo existe a recusa em aceitar a teoria de correspondência da verdade e a ideia de as crenças verdadeiras são representações precisas da realidade. No âmago do romantismo, encontra-se a tese da prioridade da imaginação sobre a razão- a afirmação de que a razão pode apenas seguir as trilhas abertas pela imaginação. (RORTY, 2009. p.179)

Propomos que Rorty identifica na forma poética de escrita nietzschiana, tanto quanto no seu interesse de fuga de uma metafísica, uma utilização da imaginação em narrativas que poderiam ser aplicadas a constituintes sociais, nesse sentido Rorty faz uma leitura e adequação do pensamento do filósofo alemão para além do que Nietzsche se propôs. Nesse possível horizonte de interpretação que especulamos que a filosofia rortyana encontrou na nietzschiana o poder da imaginação.

Acerca dessa seara interpretativa que propomos descrever o conceito rortyano de *redescricao* como o constituinte teórico capaz de trazer essa imaginação para o terreno

palpável das mudanças sociais ou do que seria de fato uma aplicação prática para a filosofia. Essa construção valorativa teria como mote disparador os hábitos e disposições dos indivíduos, sendo a *redescrição* uma questão de exercício e fixação, segundo Rorty

O método consiste em redescrever muitas e muitas coisas de novas maneiras, até se criar um padrão de comportamento linguístico, que despertará na geração em formação a tentação de adotar, levando-a, dessa forma, a procurar formas novas e apropriadas de comportamentos não linguísticos, por exemplo, a adoção de equipamento científico ou de instituições sociais novas. (RORTY, 1994, p.30)

Como citado anteriormente, a concepção de Rorty tem como ancoradouro a capacidade inerente a linguagem de fomentar e conduzir transformações que possuem como ressonância direta os hábitos que são adotados socialmente. Acerca desse pressuposto teórico que o filósofo americano deposita na ressignificação e criação de novos vocábulos o poder de transformar realidades contingentes, visando assim o progresso cultural e social. Vale ressaltar que tal progresso também deve ser entendido como fuga de uma metafísica tradicional em que a filosofia se preocupa em demasia com uma realidade¹⁶⁵ que está para além do mundo dos sentidos.

Nesse sentido, buscamos estabelecer um paralelo com a concepção de transvaloração que foi pensada por Nietzsche, por mais que de modo panorâmico, esse interesse pelo melhoramento social não fosse o interesse principal do filósofo, o mesmo não se mostrou indiferente a essa questão. Elegemos como ponto para pensar essa questão um dos discursos de Assim Falou Zaratustra (2011).

O tom messiânico de Zaratustra frequentemente o distancia da realidade, tanto quando o conceito que vem anunciar parece incompatível com a mesma. A interpretação que propomos acerca dessa passagem se trata da descida do sábio como uma atitude ética/política, que culmina com a anúnciação de seu *Urbmensch*, que nada possui de metafísico ou idealista, que expõem um indivíduo que se constrói no privado, mas que se realiza no social/coletivo, sem pretensões de eternidade ou constância, uma vez que o coletivo se trata de uma junção de privados. Nas palavras de Zaratustra: “Em

¹⁶⁵ Calder descreve de modo sucinto a proposta de Rorty para a redescrição: A alternativa de Rorty para a filosofia, tal como é concebida tradicionalmente, é colocar a atual redescrição de nossas circunstâncias e perspectivas no lugar do desvelar gradual de sua natureza “real”. Em vez de compreender a investigação como uma progressão de acordo com uma linha preestabelecida em direção a um entendimento mais verdadeiro, Rorty a entende como um processo de colocar ideias em diferentes contextos, e apresentar novas descrições. (CALDER, 2003, p.10)

verdade, eu vos digo: bem e mal que sejam perenes- isso não existe!” (NIETZSCHE, 2011, p.111). Zaratustra está nos alertando da necessidade de criação e transformação valorativa, mas antes disso: “E quem tem de ser um criador no bem e no mal: em verdade, tem de ser primeiramente um destruidor e despedaçar valores.” (NIETZSCHE, 2011, p.111)

Acerca desse ponto, Roberto Machado (1999), identifica em sua obra *Nietzsche e a verdade*, que a necessidade de transvaloração aparece no pensamento nietzschiano a partir do momento que os valores se tornam institucionalizados, o que se torna um problema a partir do momento que esses novos valores surgem em oposição o ideal aristocrático a qual eles pertenciam, passando por um processo de transformação conceitual do forte para o fraco, a trajetória inversa que vinha se apresentando, Nietzsche associa esse movimento ao nascimento e desenvolvimento do Cristianismo.

Elegemos esse ponto em específico da obra nietzschiana por considerarmos suficientemente claro e coadunando com nossa perspectiva de esclarecimento acerca da noção de transvaloração¹⁶⁶ para o autor, todavia esse conceito não surge dissociado de outros componentes da estrutura conceitual do pensamento do filósofo, portanto servindo apenas a nossas circunstâncias atuais, o esmiuçar desse conceito de modo mais profundo seria inviável em um trabalho dessa natureza.

Nietzsche nos propõem um modelo de transformação conceitual como algo necessário no processo de transformação valorativa dos indivíduos, nesse sentido expomos a proposta nietzschiana em consonância com a defendida por Rorty, ambos se enquadrando como críticos de valores canônicos e propondo uma alternativa de desconstrução e criação de indivíduos e por conseguinte de sociedade.

Logo, propomos, ambos possuindo uma necessidade que se realiza na prática, apenas possuindo vocabulários distintos para necessidades temporais distintas, mas em suma, finalidades que podemos conjecturar como semelhantes, a saber, a necessidade de transformação. Essa junção de fatores, para a perspectiva rortyana, tanto quanto para a nietzschiana, seria a possibilidade de não mais pairar acerca de fábulas ontoteológicas e metafísicas e trazer a filosofia para o ambiente social, no qual poderia ser uma preciosa

¹⁶⁶ Scarlett Marton busca esclarecer de que ponto Nietzsche parte e quais são seu pressupostos com essa ideia: “Transvalorar é, antes de mais nada, suprimir o solo a partir do qual os valores até então foram engendrados. Aqui, Nietzsche espera realizar obra análoga à dos iconoclastas: derrubar ídolos, demolir alicerces, dinamitar fundamentos. É deste ponto de vista que critica a metafísica, a religião e a moral. (MARTON, 1999, p.138)

aliada e instigadora de transformações sociais que visam uma melhor construção de um por vir.

2. O radicalismo nietzschiano e a interpretação rortyana

Apesar de recorrer a filosofia de Nietzsche para assessorar em partes as suas concepções, Rorty não se abstém de buscar refutá-lo sempre que considera pertinente. Cabe especular essa postura como alternativa para não cometer erros que outros filósofos cometeram ao se debruçarem nas concepções nietzschianas. Como exemplo desse erro o autor cita a postura heideggeriana¹⁶⁷, ao afirmar que: “Entretanto, Heidegger tentou ser mais nietzschiano que Nietzsche ao ler o próprio Nietzsche como o último dos metafísicos...” (RORTY, 1999, p.199)

Na passagem anterior, Rorty se refere a leitura que Heidegger¹⁶⁸ fez, pautada na noção nietzschiana de *vontade de potência*, que está contida em partes, em uma obra póstuma, das mais controversas do autor, portando o mesmo nome do conceito, *Vontade de potência* (1901). As circunstâncias envoltas nessa obra, não nos cabe aqui esmiuçar.

A crítica de Rorty se fixa na aparente incoerência interna que existe no pensamento nietzschiano afirmando que: “Nietzsche nunca desenvolveu essa perspectiva em detalhe nem conseguiu formulá-la claramente. Ela é, como muitos analistas observam, impossível de se conciliar com muitas outras coisas que ele disse.” (RORTY, 2009, p.190)

O direcionamento crítico do filósofo americano em relação a Nietzsche, se propõe amparado no caráter delirante ou na aparente desorganização em que o mesmo produziu sua obra. Todavia, não a inferioriza em nenhum aspecto em relação as suas contribuições para a filosofia contemporânea.

Nietzsche ao atentar para os problemas próprios da linguagem da tradição filosófica, que determinam, mas muitas vezes limitam nosso pensamento ao estabelecer

¹⁶⁷ Nesse ponto, a citação que se segue, Rorty faz referência a obra de Martin Heidegger (1889-1976), intitulada de Nietzsche. Lançada em dois volumes, nos quais a leitura de Heidegger acerca da filosofia de Nietzsche, foi posta por Rorty, como possivelmente equivocada ao classificar a filosofia de Nietzsche como uma metafísica, diferindo assim da concepção do próprio Rorty.

¹⁶⁸ Em sua obra acerca da filosofia nietzschiana, Heidegger (2007) elucida o pensamento de Nietzsche como, não somente oriundo de uma metafísica, mas como continuador dessa vertente filosófica. Nas palavras de Heidegger: “Em conformidade com todo o pensamento do Ocidente desde Platão, o pensamento de Nietzsche é metafísica. (Heidegger, 2007, p.195)

uma concepção rígida e absoluta para a maioria das coisas, tenta fazer uso de outros artifícios provenientes da própria língua, como as ressignificações de termos e os frequentes neologismos criados pelo autor, a exemplo do termo niilismo,¹⁶⁹ frequentemente usado pelo autor. A linguagem por si só, possui um direcionamento prévio e objetivo que pode ser tratado como vícios na própria utilização dos seus termos, em grande parte por herança metafísica no âmbito filosófico e também pelo próprio processo de transformação histórica.

O filósofo alemão, em tentativa de superar esses vícios e direcionamentos imóveis que se alastraram em torno da linguagem, elabora peculiaridades na escrita e acaba por desenvolver uma forma particular de condução de sua filosofia e explicitação de suas premissas. O filósofo vai fazer o uso de uma linguagem mais metafórica, buscando em figuras de linguagem como o sarcasmo e a ironia formas de se colocar para além de preconceitos linguísticos.

Como o próprio autor repetiu em algumas de suas obras, “não pretendo erigir novos ídolos”¹⁷⁰ ou o seu desprezo a conceitologias dicotômicas como “bom e mau” e “certo e errado”, aliando-se a metodologia aforismática e aparentemente desconexa, foram estes os principais responsáveis pelas críticas sofridas pelo autor no que tange ao seu constituinte teórico.

Outro aspecto a ser destacado acerca da relação Rorty e Nietzsche é a denominação que o filósofo americano atribui ao alemão, a saber, o radicalismo nietzschiano, principalmente quando em relação com o Cristianismo, religião que a filosofia nietzschiana teve uma relação conturbada e por vezes, questionável. Segundo Rorty:

Nietzsche achava que os que acreditavam em um Deus monoteísta tradicional eram fracos e tolos. Dewey os considerava tão fascinados pela obra de um poeta que eram incapazes de apreciar as obras dos outros poetas. Dewey achava que o tipo de ateísmo agressivo do qual Nietzsche se orgulhava era desnecessariamente intolerante.” (RORTY, 2009, p.63)

¹⁶⁹ Termo que normalmente designa que crenças e valores estabelecidos não possuem relevância, mas que na estrutura de pensamento nietzschiano adquire o sentido oposto e passa a designar a crença em verdades superiores que Nietzsche comumente relaciona com a metafísica platônica, classificando o próprio filósofo como um niilista.

¹⁷⁰ Crepúsculo dos ídolos (2016)

De fato a relação de Nietzsche com a religiosidade cristã, enquadra-se como uma ruptura brusca e de certo modo agressiva. Nietzsche cita a sua *Genealogia*¹⁷¹ como a obra em que fundamenta como uma moral de perspectiva decadente e negativa alastrou-se e transformou valorativamente a história do homem. O filósofo investiga valores culturais e principalmente como, o que ele costuma chamar de moral do ressentimento, tomou o lugar de uma ética aristocrática e tornou-se o centro da conduta do homem, se perpetuando na história até os dias atuais e Nietzsche atribui claramente essa tarefa em grande parte ao Cristianismo e a sua fundamentação moral.

Estas surgem a partir do momento que ideais da decadência subjugarão uma postura essencialmente humana, obliterando o conflito afirmativo da vida, conduta essa que Nietzsche chama de aristocrática e também teve seu berço na Grécia antiga. Nas Palavras de Roberto Machado:

Há, portanto, entre a moral cristã e a ética aristocrática conflito e vitória; vitória parcial da moral que transformou o “homem-fera” em animal doméstico, uma ave de rapina em cordeiro. Metáforas estas que evidenciam duas coisas: que a análise não é só global, caracterizando povos e grandes períodos, mas também molecular no sentido de privilegiar tipos individuais. (MACHADO, 1999, p.62)

Roberto Machado busca tencionar que, essa inversão de perspectivas não deve ingenuamente ser vista como mera substituição de paradigmas, mas que a postura moral que sublimou a ética aristocrática, trouxe consigo a enfermidade do homem, a decadência da grandeza da figura do homem e, assim, definiu aos poucos o ideal de aristocracia que Nietzsche tanto valorizava.

Essa inversão valorativa deu-se, segundo Nietzsche, quando os fracos ascenderam ao poder. Como citado anteriormente no ideal socrático, o ideal de plebe surge para sublimar o homem trágico, da mesma forma a moral dos escravos surge como substituta de uma ética de valoração de conhecimento de si. É preciso ressaltar que em sua obra filosófica, Nietzsche relaciona diretamente à criação da moral dos escravos a gênese do pensamento cristão. Este aspecto remete principalmente a obras tardias do autor e a vida pessoal do mesmo.

Destaca-se também a proposição de Rorty que diz respeito a Nietzsche e ideais que denomina de aristocráticos. Esse ponto retoma a ideia que foi exposta no princípio

¹⁷¹ Genealogia da moral (2009).

deste trabalho que concebe o filósofo alemão como menos inclinado a questões que tratem fragilidades sociais com o intuito de combatê-las, como propõem a concepção rortyana em relação a Nietzsche: “Ele não tinha interesse na felicidade maior do maior número, mas naquela de alguns poucos seres humanos excepcionais.” (RORTY, 2009, p.64)

Este caráter mais privado da obra de Nietzsche, fez com que Rorty não o visse tão bem quanto outras perspectivas que tiveram influência nietzschiana como as de Dewey e James, que se relacionavam bem melhor com a proposta que o filósofo vinha desenvolvendo. De fato a crítica de Rorty é pertinente e se torna mais clara a partir da passagem de Nietzsche em sua obra *O anticristo*: “Pois bem, os meus leitores são só esses, os meus verdadeiros leitores, os meus leitores predestinados: que importa do “resto”, que não é se não a humanidade? – É preciso ser superior à humanidade em força, em grandeza de alma- em desprezo...” (NIETZSCHE, 2005, p.12)

A proposta do filósofo alemão é bastante clara em muitas de suas obras, o aprimoramento pessoal dos indivíduos que partilham das suas convicções parece ser o mais explícito, todavia, não se deve pensar que se restringe meramente a esse aspecto. Em contrapartida a essa questão, Rorty se utiliza de algumas de suas proposições para elencar pontos em sua proposta pragmática, mas difere bruscamente no que tange ao interesse e a relação público x privado, porém não os torna inconciliáveis como buscou-se demonstrar através de aproximações de temas propostos por Nietzsche e que a filosofia rortyana se dispôs a utilizar, na mesma medida que se apresentou de forma panorâmica os distanciamentos entre as duas filosofias.

Deste modo, Nietzsche propõem em *Humano Demasiado Humano II*: “Morrer pela “verdade”. — Não nos deixaríamos queimar por nossas opiniões: não somos tão seguros delas; mas talvez por podermos ter e alterar nossas opiniões. (NIETZSCHE, 2008, p.249). A aparente aversão do filósofo a propostas que buscassem sanar questões, por mais que emergenciais, foi o alvo principal de seus críticos¹⁷², principalmente os representantes do pragmatismo do qual Rorty é herdeiro. Posto que o filósofo dialoga diretamente com tradição dita como clássica do pragmatismo (William James, John Dewey, Charles Pierce). Acerca do pragmatismo Pierce propõe

¹⁷² No item 1.2 desse trabalho, buscamos demonstrar através de um paralelo conceitual entre Redescritção e Transvaloração que conceber a filosofia nietzschiana como tendo pouco ou nenhum apreço aos contextos sociais, pode incorrer em uma simplificação grotesca de sua filosofia.

[...] Mas o pragmatismo não se propõe a dizer no que consiste os significados de todos os signos, mas, simplesmente, a estabelecer um método de determinação dos significados dos conceitos intelectuais, isto é, daqueles, a partir dos quais podem resultar raciocínios. [...] Ora, esta espécie de consideração, a saber, a de que certas linhas de conduta acarretarão certas espécies de experiências inevitáveis, é aquilo que se chama consideração prática (PIERCE, 1990, p. 193).

Pode-se observar a partir da passagem anterior uma preocupação da relação entre palavra e ação ou ainda, quais as implicações práticas de raciocínios e posturas linguísticas. Sob essa ótima interpretativa de Rorty encontrou um terreno fecundo para sua construção conceitual. Todavia, Rorty foi um continuador, mas não um mero reproduzidor do pragmatismo clássico, enquadrando-se no que foi entendido como neopragmatismo, que não mais se fixa somente na ideia de experiência e prática, mas adentra na noção de linguagem, tendo como gênese a virada linguística. Acerca da perspectiva neopragmatista

Na perspectiva neopragmatista, a “investigação humana” (seja ela de caráter filosófico, científico ou político) deve ser “uma tentativa de servir a propósitos transitórios e de resolver problemas transitórios”. Assim, tal como os animais desenvolvem *ferramentas* (garras, presas, trombas etc.) para melhor se adaptarem ao seu meio ambiente, os seres humanos se valem também do aprimoramento de ferramentas (principalmente a linguagem) para interagir com sua espécie e meio social. (SILVA, 2008, p.118)

Acerca da citação anterior, pode-se perceber a substituição da noção de experiência pela noção de linguagem como ferramenta de mudanças sociais, o que seria o ponto alto da concepção neopragmática defendida por Rorty. A partir do que foi posto anteriormente, buscamos elucidar como ponto fulcral o que até esse momento foi a ideia dessa pesquisa. De modo a buscar esclarecer as mais variadas questões, optamos por essa apresentação e diferenciação entre pragmatismo clássico e neopragmatismo, buscando clarear a concepção rortyana, tanto quanto as que o filósofo buscou se relacionar. Após esse parêntese acerca das vertentes teóricas que Rorty se relaciona, grosso modo, vamos nos ater novamente a interpretação rortyana da filosofia de Nietzsche.

Quanto a concepção do filósofo alemão por Rorty, é possível que as variadas leituras do pensamento de Nietzsche que foram feitas ao longo da história, exigiram uma exatidão ou um sistema organizacional para as ideias do filósofo que o mesmo não se dispôs a produzir. Pode-se conceber a aparente desordem nas produções do autor,

como sendo orquestradas e dispostas de forma proposital. O argumento que defendemos é movediço e complexo de se afirmar, todavia está presente em passagens do próprio autor, como ao falar de seu Zarathustra afirma: “há um incrível montante de experiência e sofrimento pessoal que é compreensível apenas para mim.” (NIETZSCHE, 2011, p.338).

Todavia, não estamos por defender uma incompreensão residente nas obras do autor, ou qualquer excessiva complexidade, mas corroborando com o caráter plástico de sua filosofia que permite as mais diferentes análises, sem aqui nos arriscarmos a escolher a mais ou a menos plausível.

Certamente não temos por intuito conceitual invalidar ou validar quaisquer interpretações acerca da filosofia nietzschiana, mas apenas elucidá-las. Desse modo, Nietzsche difere de muitos filósofos ao longo da história em relação a postura frente a suas obras e ideias, tal estrutura forma um dos constituintes mais peculiares de sua filosofia.

3. Considerações finais

Algumas décadas separam a produção teórica de Rorty e Nietzsche, entretanto buscou-se demonstrar que ambos podem ser relacionados sem o estabelecimento de um juízo de valor ou de gosto, frente as suas propostas filosóficas. O que se buscou explicitar deu-se a partir de uma relação conceitual, evidenciando o que Rorty deixou como margens interpretativas na constituição de suas obras.

Ao longo do texto, elegemos a postura de Nietzsche no que tange a uma proposta romântico-pragmatista a partir da concepção de Rorty. Buscando demonstrar a linguagem utilizada pelo filósofo alemão, tanto quanto as problemáticas que sua filosofia propõem se debruçar, como sendo em partes algo relevante de se propor.

Em seguida, propomos como a leitura de Rorty da filosofia nietzschiana não é unilateral ou passiva, buscou-se expor pontos que o filósofo americano julgou serem passíveis de críticas e as aparentes incoerências de perspectivas na filosofia de Nietzsche ao longo de suas obras.

Não concebemos aqui a filosofia rortyana como sendo superior ou uma continuação da nietzschiana, tanto quanto o contrário dessa afirmação também não faria

sentido. Não propomos a filosofia de Nietzsche como distante do corpo social ou indiferente do senso comum.

O que propomos com esse paralelo comparativo é demonstrar que as propostas dos dois filósofos possuem suas semelhanças, tanto quanto possuem antípodas conceituais que coadunam e divergem entre si, buscando ampliar os horizontes de interpretação dessa relação específica. Aprofundar tal junção conceitual entre os filósofos, demandaria um trabalho hercúleo, logo cabe ressaltar que as noções aqui expostas pairam acerca das distinções e semelhanças iniciais e mais evidentes, existindo outras que possuem uma raiz mais profunda e significativa as quais por uma questão de extensão, seriam inviáveis de serem esmiuçadas nessa pesquisa.

Não daremos um fechamento para a questão entre Rorty e Nietzsche como aliados extemporâneos, mas propomos a partir da leitura do texto uma condução para a reflexão de pertinência dessa especulação, pois este foi o objetivo primário da construção desse artigo, seguido de explicitações conceituais que visaram coadunar com essa proposta.

Como é de caráter filosófico o postulado de questões e correlações, esta pesquisa não se absteve de tal posicionamento, em certa medida buscando conjecturar acerca de horizontes interpretativos. Não se teve o intuito de esgotar a problemática descrita, mas de corroborar com o que tem sido produzido sob dessa essa ótica conceitual. É inegável a ressonância de ambos os pensadores nos dias atuais.

REFERÊNCIAS:

BARRENECHEA, Miguel. **Nietzsche e a alegria do trágico**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

CALDER, Gideon. **Rorty e a redescoberta**. Trad. Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche, vol. II**. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. São Paulo: Editora Graal, 1999.

MARTON, Scarlett. **A morte de Deus e a transvaloração dos valores**. In: HIPNOE. n.4, 133-143, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. 8ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano demasiado humano II**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**. São Paulo. Centauro Editora, 2005.

PEIRCE, C, S. **De pragmatismo e pragmaticismo**. In: *Semiótica*. 2. ed. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1990b. p. 191-299.

RORTY, R. **Archiving our country**. Leftist thought in Twentieth- Century America. London, England: Harvard University Press Cambridge, 1998. p.125-140.

RORTY, R. **A filosofia e o espelho da natureza**. Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

RORTY, R. **Contingência, Ironia e Solidariedade**. Trad. Nuno Ferreira da Fonseca. Lisboa: Presença, 1994.

RORTY, R. **Ensaio sobre Heidegger e outros: escritos filosóficos 2**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relime Dumará, 1999.

RORTY, R. **Filosofia como política cultural**. Trad. João Carlos Pijnappel. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 179-201.

RORTY, R. **Philosoy and Social Hope**. London: Penguin, 1999.

RORTY, R. **Pragmatismo**. In: Dicionário do pensamento contemporâneo. Direção de Manuel Maria Carrilho, Lisboa: D. Quixote, 1991.

RORTY, R. **Nietzsche, Sócrates e o pragmatismo**. In: Cadernos Nietzsche. Trad. Paulo Guiraldelli Jr. n.4, p.07-16, 1998.

SILVA, H, A. **Pragmatismo, narrativas conflitantes e pluralismo**. In: Princípios. v.15, n.24, 99-133, 2008.